

JORGE HURLEY

o bithante escriptor e historiographo

Arthur Cezar Ferreira Reis, com o  
meus agradecimentos pela bithante chronica  
que publicou sobre o "Frey Cabanis", e a guerra  
guerra "Caboda", offero o meu livro

# A Cabanagem

de o seu livro julgamento publico,

Belem, 20/11/1936

Jorge Hurley

1936  
49650

1936  
Livraria Classica  
BELEM - PARA

Residencia: Av. Nazareth 189

Belem - Para.

Offereço, dedico e consagro este meu labor  
historico— A CABANAGEM, inspirado, em grande  
parte, na tradição conservada nos “*Memórias Po-  
liticas*” do illustre Barão do Guajará e nos co-  
dices da Bibliothéca e Arch. Publico do Pará,  
à esperançosa e brava mocidade paraense para  
que, de futuro, ninguém mais ouse dizer que os  
cabanos do Pará lutaram sem ideal politico  
e sem razões historicas, como agglomerados de  
salteadores, assassinos e ladrões.

Pretendo ter conseguido neste meu livro,  
escripto em linguagem popular, a redempção do  
cabano.

Belem, 1 de Janeiro de 1936.

Henrique Jorge Turley



## A CABANAGEM

Uma d'aquellas revoltas, a ferocissima A CABANAGEM do Pará, venida pelo general Soares de Andréa, em 1836, dera um typo nôvo á nossa historia — o « cabano ». — Symbolisava o repontar de questão mais séria, que passou despercebida á sua visão aguda, e se destinava a permanecer na sombra até aos nossos dias. EUCLYDES DA CUNHA. « A' margem da Historia », 321.



# PRIMORDIOS

## O odio ao branco...

**A** Historia Universal ensina que Vicente Yañez Pinzon, natural de Palos, de onde partiu em dezembro de 1499, no rumo de Cabo Verde, depois de velejar pelos mares descobriu, em março de 1500, a foz do Amazonas, onde abasteceu-se d'agua potavel.

Pinzon teria baptisado o Guyena, do Pará selvagem, de *Mar Doce*. Roberto Southey, uma das fontes mais puras, pela honestidade de suas narrativas, da Historia do Brasil, referindo-se á jornada Yañez Pinzon, deante da foz do Amazonas, informa:

« Aqui encontrarão muitas ilhas, afortunadas e ferteis, cujos habitantes os receberão hospitaleiros e confiados, o que Pinzon retribuiu vilmente, apoderando-se, por não achar outra mercadoria, de trinta destes homens inoffensivos e, levando-os d'onde os achara livres para vende-los onde fossem escravos ». Vol. I « Hist. do Brasil. Pagina 11 ».

A seguir, surge, na foz do Rio Amazonas, ôtro navegante hespanhol chamado Diôgo de Lepe, que é recebido hostilmente pelos cabôclos nativos. Esses aborigenes recebem a flechadas certeiras os homens da guarnição de Diôgo de Lepe, que com elles travam combate deixando Lepe dez hespanhoes mortos na praia, em vingança do procedimento de Pinzon que, um mêz antes, por alli passára — Herrera: « Discrip. de las Ind. Occid ».

JORGE HURLEY

Outros exploradores houve do Amazonas mas, sem importancia historica para o que me proponho neste livro.

Depois, vem a aventura romantica do Capitão Francisco de Orellana que, em 1540, fazendo parte da expedição de Gonçalo Pizarro, atravessára com os seus os Andes a procura do « El Dorado » e das florestas de Canella e descêra até ás margens do Rio Cóca, de onde, construido um improvisado bergantim, navegára, de ordem de Pizarro todo o curso do Napo a procura de mantimentos ao grósso da expedição que ficára, faminta, ás margens do Cóca. Gonçalo Pizarro não pensára na correnteza formidavel do Napo que, certamente, impediria o regresso d'aquelle bergantim de emergencia, por maiores esforços que os homens de sua guarnição empregassem nesse proposito.

Precipita-se Orellana na *igacy* (mãe do rio) do Napo e depois de navega-lo durante tres dias cãe liberto e deslumbrado, no Pará-uassú ou Guyena, que ôtro não é senão o Apurimac peruano, um dos geradores do Amazonas.

Na impossibilidade de voltar a ajuntar-se a Gonçalo Pizarro, arrojou-se na voragem desconhecida do descobrimento do magestoso curso d'agua, a que o Destino o projectára.

O mar dôce de Pinzon estava internamente descoberto.

E Orellana, com cincoenta homens de guarnição, singrou o Amazonas attritando com os habitantes selvagens até á foz, descobrindo, por um oculo, a sua fertil imaginação, a tribu das icamiábas, mulheres guerreiras, a que chamou *Amazonas*, nome vinculado ao rio que desencantara do meio das selvas. O valle do Amazonas, que era o refugio verde e fecundo dos amerábas brasileiros, peruanos, argentinos, bolivianos e venezuelanos para onde elles, descendo pelos seus diversos afluentes convergiam, estava profanado, de ponta a ponta, pelos brancos hespanhoes: os hespanhoes e portugueses não os deixavam socegar livres nos seus habitaculos! Maldição de Tãma, de Tupan ou de Yca! Por tôda a parte o ôlho cubiçoso do branco insaciavel e hostile exigindo-lhes trabalho, drogas, fructos e terras, sob o látego do flagello e o suplicio da morte!

Em 11 de Maio de 1545, volta Francisco de Orellana ao Amazonas, patrocinado pelo rei Carlos V. Vem reajustar a descoberta do curso do Santa Maria de la Mar

## A CABANAGEM

Dulce, de Pinson, como Juan de la Cosa o assignalava em seu mappa de 1500.

Essa segunda viagem foi um desastre completo.

Fizera travessia penosa.

Reconheceu o Cabo de São Rocque e, costeando o littoral para o Norte, deixou o Maranhão e « depois de vencer cem leguas, na distancia de doze de terra », encontrou Orellana o Rio Pará (Tocantins), e pela agua dôce que achou suppoz estar na foz do Rio das Amazonas.

Enganára-se; e velejou em diversos rumos entre ilhas, procurando a mãe do rio, o *igacy* do Rio Mar sem o conseguir encontrar.

Orellana ao fitar, attonito, na sua baixada, as *icamiabas* naturalmente deu com o olhar sobre alguma *yára* que, possivelmente, com ellas conviviam.

E a *yára*, dos olhos verdes como as asas dos tuys, o flechou.

Só assim se explica a sua volta para os braços da *yára* amorosa que o perdeu para sempre, na emmaranhada tessitura das *ipuans* do Guyena. Orellana passando pela bahia do Guajará deixou a aldeia de Pará-uassú (onde está Belem) e subiu o Capim onde a *pororôca* de São Domingos o desnortou e inutilizou a nau que, desmanhada, foi reduzida a uma barca, na qual vagou, desesperado, mundiado, com sua mulher Dona Anna de Ayála e amigos dedicados, entre as ilhas e penetrando o Amazonas não teve forças para subi-lo e se foi de *babúe* exotado para o mar, de roldão com os cedreiros mortos dos barrancos e os seus sonhos de riqueza e conquista...

Em vez do ouro e da prata, que promettera a Carlos V, encontrára a morte, numa terçã-maligna talvez.

Os Tucujús, de Matapy e da costa de Macapá, condoídos de tanta miseria fluctuante, trouxeram aos brancos aventureiros « mantimentos diversos, entre os quaes aves da Europa », segundo J. Lucio de Azevêdo.

A presença de taes aves que, naturalmente, seriam galinhas e patos domesticos, próva que, já antes de 1545, os francezes, os inglezes e talvez os hollandezes, tinham feito suas visitas de inspecção á Amazonia dando, por essa oc-

JORGE HURLEY

casião presentes dessas aves aos selvagens da região, que as criaram com resultados satisfatórios.

As noticias desses viajantes subiam o Amazonas e os seus afluentes. Os cabôclos nativos cada vez mais se vi-giavam na defêza de suas terras. Não havia segrêdos no mundo para os brancos!...

Para os caaetés do Maranhão e da Amazonia os Tu-pynambás, desde muito fugiam do sul e nordeste á con-quista lusitana, que já os vinha atemorizando pela violencia do trabalho forçado, que os reduzia á escravidão.

O que mais tortura o selvagem é a falta de liberdade. Quem o contrariar em sua vontade, ainda que ella se limite a desejos insignificantes, domesticos, — como ir á floresta ou á pesca — terá pela frente um inimigo certo, discreto, aparentemente inoffensivo mas, na hora da vingança, va-lente, forte e impetuoso. Um dos grandes obices á cate-chese religiosa foi, não se pôde contestar, o limite, senão a restricção ao amor selvagem. Extranharam que um homem só tivesse direito, pela lei dos brancos, a uma mulher.

As communicações se faziam, methodicamente, entre as tribus vizinhas, as quaes de tempos immemoriaes, pre-historicos, já emigravam para o Pará-uassú ou Guyena.

Em testemunho dessa asserção, invoco a palavra do tucháua tupynambá Mamboré-uassú, numa reunião de che-fes selvagens, no Maranhão, endereçada a Des-Vaux:

« Vi o estabelecimento dos *Peros* em Pernambuco e Potyu e o seu principio foi como o vosso agora.

No principio os *Peros* só queriam negociar, e não morar ahi: dormiam então á vontade com as raparigas, o que os nossos companheiros de Pernambuco e do *Potyú* reputavam grande honra.

Depois disseram ser-lhes preciso ahi morar, que ne-cessitavam construir Fortalezas para guarda-las, edificar ci-dades para morarem juntos, parecendo assim, que só dese-javam ser uma nação.

Depois fizeram entender que, não podiam ter assim as filhas delles, que Deus sómente lhes permittia possui-las por meio do casamento, e que não podiam casar-se com ellas, senão baptisadas, e que para isso era preciso um padre.

## A CABANAGEM

Depois fizeram vêr que tanto elles como os Padres precisavam de *escravos* para servi-los e trabalhar para elles, e que assim eram obrigados a dar-lhes.

Não satisfeitos com os escravos aprisionados na guerra, quiseram tambem seus filhos, e *finalmente captivaram toda a nação, e com tal tyrania e crueldade a tratavam sempre, que a maior parte dos que escapavam, viam-se obrigados, como nós, a deixar o paiz*». — «Historia da Missão dos Capuchinhos na Ilha do Maranhão» — Padre Claudio d'Abbeville pag. 171.

Estava o Brasil selvagem palmilhado pelos seus aborigenes de ponta a ponta. O Rio Amazonas era conhecido dos Tupynambás do Maranhão.

O padre Claudio Abbeville, na obra citada, pagina 182 referindo-se ao murubichaba Caruatapiran diz :

« *Caruatápiran* tinha vindo de uma guerra sanguinolenta onde demorou-se seis mezes, e da qual trouxe onze escravos, de diversas nações, pelo que fez em Commã entrada solemne, á moda da terra.

« Entre esses escravos *tinha trazido alguns moradores no Rio Amazonas*, que em certa epocha do anno habitavam com as mulheres Amazonas, tinham-nos reservada expressamente, em signal de amizade, para offerece-los aos Francezes, como meio facil destes se relacionarem facilmente com elles, e assim se estabelecerem os Francezes, como tanto desejavam, nas suas terras e nas outras mais ».

*Caruatápiran*, nesse *potaba* ( presente ) dois fins pretendia resolver, diplomaticamente : agradar os gaulezes, inspirando-lhes a mudança para as terras da Amazonia...

## Os Francêzes no Pará

**A**BBEVILLE noticia tambem que, « na região do Cayeté, aldeia desse nome (Bragança, no Pará) havia de 20 a 24 aldeias de Tupynambás muito povoadas e que além do Rio das Amazonas ha muitas malocas de Tupynambás, com



# INDICE

	Paginas
PRIMORDIOS.....	48
PATRONI.....	80
BAPTISTA CAMPOS.....	113
A CRUELDADE DE GREENFELL.....	122
NOS ALBORES DA CABANAGEM—CAMETÁ.....	127
CAMETÁ.....	152
PRESIDENTE ROSO.....	164
OS CABANOS DE BARBOSA.....	186
ANDRÉA IRRITA BAPTISTA CAMPOS.....	193
O VISCONDE DE GOYANNA.....	205
O PRESIDENTE MACHADO DE OLIVEIRA.....	232
PRESIDENTE LÔBO DE SOUZA.....	252
FELIX ANTONIO CLEMENTE MALCHER, 1.º Presidente Cabano.....	285
FRANCISCO PEDRO VINAGRE, 2.º Presidente Cabano.....	336
O PRESIDENTE MARECHAL MANOEL JORGE RODRIGUES.....	394
EDUARDO NOGUEIRA ANGELIM, 3.º e ultimo Presidente Cabano.....	450



## AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.  
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO  
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL  
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A  
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO  
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

**FONE: (92) 2125-5330**

**FAX: (92) 2125-5301**

**EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)**

**SITE: [bv.cultura.am.gov.br](http://bv.cultura.am.gov.br)**



Secretaria de  
**Estado de Cultura**



**CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA**